

No coração do regionalismo: a definição da cultura popular*

Au cœur du régionalisme: la définition de la culture populaire

Anne-Marie Thiesse **

O REGIONALISMO É REACIONÁRIO OU PROGRESSISTA? Democrático ou fascista? Devotado à conservação patrimonial ou engajado na transformação social? Particularista ou universalista? Abundam exemplos de cada uma destas proposições, que indicam, então, que o regionalismo se presta a todas estas qualificações, mesmo que sejam elas aparentemente de todo contraditórias. Frente à impossibilidade de qualificar o regionalismo por qualquer definição tomada de empréstimo às categorias usuais da história política e cultural, propomos de início examiná-lo a partir de um esquema que se baseia na oposição de uma série de termos.

Capital/Centro/Cidade/Cultura/Modernidade/Decadência/Cosmopolitismo/Poder Regiões/Periferia/Campo/Natureza/Autenticidade/Tradição/Nacional/Povo

O regionalismo corresponde aos termos da segunda série, ou, mais exatamente, às múltiplas e complexas oposições que podem ser estabelecidas entre estes termos e aqueles da primeira série. Sem procurar aqui enumerá-las, vamos ilustrá-las reenviando-as a ocorrências efetivas do regionalismo. A oposição capital/regiões, que é, sabe-se, particularmente poderosa no caso francês, é aquilo que – *in fine* – serve para resumir todas as outras, pela ênfase no termo regionalismo, sob o qual são subsumidas todas as

* Capítulo traduzido do original em francês: THIESSE, Anne-Marie. Au cœur du régionalisme: la définition de la culture populaire. In: SAINT-JACQUES, Denis. (org.) *L'artiste et ses lieux. Les régionalismes de l'entre-deux-guerres face à la modernité*. Québec: Éditions Nota bene, 2007. (Collection Convergences).

** Diretora de Pesquisa do CNRS (Centro Nacional de Pesquisa Científica), principal organismo público de pesquisa pluridisciplinar da França.

outras oposições. Oponhamos Campo/Natureza/Autenticidade/Tradição a Cidade/Modernidade/Decadência: aqui está o fundamento geral dos discursos regionalistas que celebram as saudáveis virtudes da ruralidade eterna contra as degenerações de um mundo urbano tomado por todas as corrupções físicas e espirituais. Neste momento, é possível descobrir um regionalismo inegavelmente conservador em seu desdenho por uma modernidade degradada, mas também um regionalismo mais dinâmico, que propõe reencontrar aquilo que ele denuncia como uma falsa cultura esclerosada e uma tradição sempre fresca e fonte de revivescência. Somemos a esta primeira oposição básica, de um lado, o cosmopolitismo e, de outro, o nacional: obtém-se a fórmula do regionalismo que fornece suporte às propagandas fascistas, que exalta os valores do campo e o retorno à terra contra as perniciosas influências estrangeiras. Se, ao contrário, acentuamos a oposição Periferia/Centro, teremos, sob suas múltiplas inflexões, as reivindicações das culturas minoritárias contra a hegemonia do poder político e cultural. Mas é sobretudo às configurações que enfatizam particularmente a noção de povo que nos dedicaremos aqui, porque elas testemunham particularmente os principais usos do regionalismo durante a primeira metade do século XX.

As formas do regionalismo que nutrem uma associação estreita entre o povo, a tradição e o nacional desempenham um papel fundamental na história ideológica e cultural do período. Na verdade, esta estreita conexão é nutrida bem antes da emergência do regionalismo propriamente dito, já que a própria formação das identidades nacionais, desde o final do século XVIII, a postula.

O povo é, neste contexto, concebido como um museu vivo da Nação, depositário, por suas tradições, dos valores e da herança nacional transmitida piamente ao longo dos séculos. A cultura popular, uma vez que supostamente vinda do fundo das eras, teria guardado e transmitido o precioso tesouro comum, sendo percebida como fonte de inspiração para as culturas comuns modernas. O grande movimento de coleta e valorização das tradições, cantos e costumes populares empreendido no fim do século XVIII na Europa e amplificado ao longo do século XIX conduziu à constituição do folclore, termo que designa ao mesmo tempo a cultura popular tradicional e o saber específico aplicado a ele. O regionalismo inscreve-se em conformidade com esta construção nacional, pois é nas províncias, no povo rural, e não nas grandes capitais, que se supõe sempre viva esta cultura original. De fato, o frenesi de coleta das tradições populares que se observa em toda a Europa no século XIX participa da constituição das

culturas nacionais comuns, modernas, fazendo emergir características regionais. As nações modernas representam-se, então, progressivamente, sob a dupla forma da unidade e da diversidade, sendo a coesão proclamada pela virtude da união harmoniosa de diversidades complementares. As vilas etnográficas construídas nas seções nacionais das exposições internacionais, bem como os grandes desfiles folclóricos, ilustram concretamente as representações da nação como conjunto de culturas regionais. Mas a cultura popular que serve de fundamento às culturas comuns nacionais não é, entretanto, precisamente a cultura viva do campesinato real, essencialmente miserável e prestes a emigrar em direção às cidades ou ao Novo Mundo. A cultura popular promovida é o produto de invenções de tradições, ou, ao menos, de seleções e rearranjos dos costumes rurais. As sociedades do século XIX transformam-se e desenham seu futuro referenciando-se no passado, mas se trata de um arcaísmo *ad hoc*, concebido para se desenvolver e se adaptar à modernidade. Os folcloristas invocam constantemente a necessidade de recolher e preservar as tradições ancestrais minadas pela modernidade, que vão desaparecer de modo iminente, mas eles se dedicam ao revivalismo criativo com o sentimento de realizar uma obra patriótica. Este ativismo revivalista entra em uma nova fase no final do século XIX, quando as identidades nacionais já estão essencialmente constituídas. De início, porque surge imediatamente o tema da decadência, que parece dever aniquilar as nações formadas com tanta dificuldade. Os movimentos regionalistas que se organizam precisamente nesta época (a Federação Regionalista Francesa foi criada em 1900; os *Heimatbewegungen*¹ dos países germânicos, no mesmo momento) erigem o regional em lugar por excelência do gênio original ainda preservado e da Natureza como fonte viva de regeneração para a cultura nacional. Além do mais, coloca-se neste período a grande questão da integração geral na comunidade nacional da totalidade da população, ou seja, o povo, no sentido social. Como aculturar a cultura nacional, fazer entrar dentro de uma comunidade transclassista um povo cuja cultura viva, real, significa justamente um problema? O proletariado urbano, mais particularmente, parece duplamente perigoso, já que sujeito ao mesmo tempo a contestar a desigualdade social e econômica, lançando-se ao internacionalismo revolucionário e a mergulhar com prazer na degradação de uma cultura de massa em pleno crescimento. O povo do campo, e particularmente seu componente feminino,

¹ Movimentos nativistas. Em alemão, no original. (N. do T.)

parece inclinado a ceder aos apelos encantadores da cidade. Uma das grandes missões logo asseguradas pelo regionalismo é a educação do povo, que se trata de iniciar nas alegrias sãs da cultura popular, entendamos bem, em sua versão folclórica. Operações sempre mais numerosas vão ser empreendidas, num contexto escolar e para-escolar, a fim de desenvolver no povo, e notavelmente na juventude, o amor e a prática das tradições regionais. A associação da Renascença provincial, fundada em 1906 sob presidência de honra de André Theuriet e Vincent d'Indy, propõe, assim:

fazer reviver por todo tipo de manifestação as obras de arte, cantos, danças, costumes, tradições, assim como a literatura, de nossas províncias francesas. (...) O objetivo desta iniciativa eminentemente francesa e de tão grande oportunidade, que interessa particularmente à juventude e aos meios populares, é oferecer seções a preços reduzidos a fim de facilitar a todos o espetáculo (...) Exaltando frente ao povo o gênio distintivo de cada uma de nossas províncias, nós pensamos despertar as energias locais, fazê-las voltar à pureza do gosto francês e salvaguardar assim a força e a beleza nacionais.²

Por outro lado, a estandardização e a industrialização da produção, a internacionalização crescente dos intercâmbios, fazem aparecer a necessidade de conceber estratégias de concorrência. Uma vez que a produção industrial alimenta o consumo de massa, produtos de valor específico apresentam um forte interesse para a conquista de segmentos do mercado. Produções que podem se jactar da mais-valia da autenticidade conferida pela referência à tradição e ao artesanato despertam, a partir de então, um forte interesse.

O fortalecimento do regionalismo, a partir de 1900, acompanha um processo de transformação social e econômico que não para de se ampliar. As invocações usuais à necessidade de preservar a cultura popular tradicional (que se traduzem também por numerosas criações museográficas) fazem-se acompanhar cada vez mais de convocações para que seja concebida uma adaptação da tradição à modernidade e um enriquecimento da modernidade através do recurso às fontes da tradição. As artes aplicadas, a arquitetura, mas também a fabricação industrial são, assim, convidadas a encontrar uma inspiração nas culturas regionais, referidas a uma cultura popular que se torna mais prestigiosa à medida que contrasta com aquela do povo real, progressivamente engajado no consumo de produtos de massa. Os diversos prolongamentos do movimento *Arts and Crafts* são, assim, cada vez mais marcados

² *La Renaissance provinciale*, n°1, jun 1906.

pelo selo do regionalismo. As tradições regionais, constantemente melhoradas, desempenham um papel fundamental na promoção e no desenvolvimento do turismo, em pleno florescimento, e que se dirige a um público desejoso de consumir o popular melhorado em pitoresco. A Itália de Mussolini lança, nesse sentido, grandes operações de valorização espetacular de festas e tradições populares para desenvolver seu potencial turístico.³ Na França, mais particularmente, a promoção nacional e internacional da produção agrícola se apoia largamente na referência às culturas regionais (notavelmente com a criação de todas as peças de um folclore vitícola na Borgonha, nos anos 30, que bebe na fonte do revivalismo regionalista)⁴.

O folclorismo regionalista, por outro lado, é amplamente reconhecido como um meio eficaz de trabalhar para a coesão social, bloqueando os efeitos, unanimemente julgados negativos, da cultura de massa e da indústria do lazer. O movimento *Kraft durch Freud*⁵ da Alemanha nazista, o *Dopolavoro*⁶ fascista, que monopolizam a organização do lazer, organizam diversas manifestações folclóricas e multiplicam as criações dentro das iniciativas de grupos de canto e danças tradicionais. Mas esta utilização da cultura tradicional para o lazer das classes populares não envolve apenas os países totalitários. O Escritório Internacional do Trabalho (*Bureau International du Travail*) empreende estudos, nos anos 1930, sobre o assunto, na perspectiva, aliás, dos intercâmbios internacionais. O regionalismo aparece mesmo como suporte festivo de comunhão internacional entre os povos. Em 1936, no estádio olímpico de Berlim, uma grande festa folclórica internacional, com muitos grupos regionais, dos dançarinos du Marais vendeano, ao coro camponês da Celândia, passando pelo grupo coreográfico de Bergen e, certamente, por numerosas formações alemãs, encerrou alegremente o Congresso Internacional do Lazer aberto por Rudolf Hess. Tema principal deste Congresso: a organização dos lazeres dos trabalhadores em relação com a educação popular e com o desenvolvimento das forças produtivas. Do outro lado do Reno, e do espectro político, na França da Frente Popular, inaugurou-se em Paris, no ano 1937, a Exposição Internacional das Artes e das Técnicas (*Exposition Internationale des Arts et*

³ Cf. CAVAZZA, Stefano; PATRIE, Piccole. *Feste popolari tra regione e nazione durante il fascismo*. Bologna: Il Mulino, 1997.

⁴ Cf. LAFERTE, Gilles. *Folklore savant et folklore commercial: reconstruire la qualité des vins de Bourgogne. Une sociologie économique de l'image régionale dans l'entre-deux-guerres*, Tese (Doutorado). Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 2002.

⁵ Em alemão no original. Em português, « Força pela Alegria ». (N. do T.)

⁶ Em italiano no original. Centro de atividades recreativas e culturais para trabalhadores em seu tempo livre. (N. do T.)

des Techniques). A seção francesa estava aí representada notadamente por um Centro Regional composto de 27 pavilhões que deviam, segundo as apresentações oficiais, encarnar por sua concepção arquitetônica a simbiose entre a tradição regional e a modernidade; em seu conjunto, eles supostamente simbolizavam a união de todos os franceses em sua diversidade. No mesmo ano, foi criado em Paris o Museu Nacional das Artes e Tradições Populares (*Musée national des Arts et Traditions Populaires*). Nação, tradição, modernidade: estão bem aqui, portanto, as referências do regionalismo. Ainda em 1937, aconteceu também em Paris o Congresso Internacional de Folclore, apoiado pelos grandes intelectuais da República, que teve duas seções comuns com a Federação Regionalista Francesa. As questões abordadas nestas seções diziam respeito ao folclore aplicado, ou seja: “arte popular e artesanato, folclore e lazer (em particular museus ao ar livre, albergues da juventude, corais populares, jogos esportivos, folclore e regionalismo, literatura e arquitetura em suas relações com o folclore).”

Uma grande festa das províncias francesas, no âmbito do Centro Regional, encerrou este duplo Congresso. Em 1938, a Liga Francesa de Ensino, organização leiga e grande animadora das obras escolares e para-escolares, publicou um panfleto intitulado “O folclore aplicado à educação”. O autor diferenciava-se vigorosamente de todo pensamento reacionário:

Os que fazem um trabalho retrógrado, obra de retrógrado, de reacionários, são as pessoas que conhecem mal a fecundidade do gênio popular e a beleza de suas produções. (...) É-nos suficiente, por sinal, olhar em volta para constatar que aqueles que pregam a utilização do folclore na educação são precisamente aqueles que estão na vanguarda do pensamento e da ação.

Em defesa do valor eminentemente democrático e modernista do folclore, o autor invocava “os operários que graças à lei das 40 horas fazem reviver as festas de Carnaval, e todos os jovens que de férias no campo cantam, contam, fazem atividades manuais, inspirando-se nos recursos deste folclore, velho como o mundo e, como ele, eternamente jovem”.⁷

O regionalismo desempenha, entretanto, também uma função simultânea de contestação da ordem social. Não vamos nos estender aqui sobre as reivindicações irredentistas ou secessionistas, diversas e intensas no entre-guerras, que demandam a

⁷ DELARUE, Paul. Le Folklore appliqué à l'éducation, un plan de travail, in *L'Action Laïque confédérale*, n° 54, Ligue française de l'enseignement, Paris, 1938, p. 2-3.

incorporação de uma região a um Estado diferente daquele de que elas dependem ou reclamam sua independência. Mais geralmente, o regionalismo pode acentuar a relação centro/periferia, tratando-a como uma relação dominantes/dominados e aplicando-a a setores diferentes do espaço social. Por isso, as relações transclassistas são estabelecidas por uma forma de homologia de situação. Intelectuais e artistas de província podem ser, assim, levados a atribuir sua situação de inferioridade em um campo cultural altamente concorrencial à sua origem regional e a seu afastamento inicial das redes de poder. A estratégia então disponível é a de mudar os termos da situação, buscando apoio no crédito de que se beneficia o regional como receptáculo da autêntica cultura nacional. Insistindo fortemente na degenerescência do centro, eles se declaram os únicos verdadeiros portadores de uma cultura viva, porque ancorada no gênio popular. Contra uma cultura de elite, onde o acesso ao reconhecimento lhes é barrado, eles se prevalecem da cultura popular e se põem como representantes dos socialmente dominados. A lógica é ainda mais eficaz, à medida que se inscreve em uma estratégia de grupo trans-regional. É notável que se observe os posicionamentos deste tipo dentro dos contextos nacionais onde o centralismo político e cultural não têm a mesma potência: o regionalismo literário francês da Terceira República tem, assim, seu correspondente *Heimatkunstbewegung*⁸ da Alemanha guilhermina, na República de Weimar. Escritores da Suíça francófona ou da Bélgica, em situação particularmente grave de inferioridade no campo cultural francês, retomaram por sua própria conta esta qualificação de regionalistas. Este regionalismo cultural mistura de forma indistinta – seu sucesso depende disto – a apresentação bastante consensual da cultura popular em sua versão folclórica e uma representação bem mais realista, eventualmente crítica, da vida rural e das tradições regionais. Por outro lado, é preciso sublinhar, o regionalismo constitui, a partir dos anos 1900, o lugar por excelência da representação do Povo, ausente ou visto de muito longe na cultura de elite; ele prolonga desse modo as correntes realistas e naturalistas do século XIX. Trata-se, certamente, do povo rural, mas a representação do povo operário e do mundo industrial continua essencialmente um inconveniente estético da produção literária e artística moderna. E é, de fato, na produção regionalista que vão ser encontradas as tentativas, mais ou menos intensas, de formatação da cultura popular viva, por vezes até mesmo atentas às mudanças em curso. A literatura regionalista,

⁸ Em alemão no original. Em português: movimento de arte nativa. (N. do T.)

assim, é um dos primeiros lugares de experimentação escrita da oralidade popular em suas características de vocabulário ou, mais raramente, de sintaxe.

Ligam-se, então, ao regionalismo a consolidação da ordem social e a contestação de sua hierarquia cultural, a celebração do particularismo e a inserção no nacional – e mesmo, o universal –, as exortações à preservação do passado e as tentativas de organizar a mudança, a exaltação da tradição perene e sua perpétua reinvenção: aí reside sua força e sua fragilidade. O regionalismo desempenha um papel fundamental na primeira metade do século XX, porque, prolongando o nacionalismo, tenta resolver algumas das consequências dele. Mas sua grande plasticidade ideológica resultou que, após a Segunda Guerra Mundial, ele fosse assimilado às utilizações que dele fizeram os regimes nazistas e fascistas, lançando-o por um longo tempo em descrédito.

Tradução : Profa. Dra. Luciana Murari

Revisão: Ms. André Tessaro Pelinser

Referências

CAVAZZA, Stefano; PATRIE, Piccole. *Feste popolari tra regione e nazione durante il fascismo*. Bologna: Il Mulino, 1997.

DELARUE, Paul. Le Folklore appliqué à l'éducation, un plan de travail, in, *L'Action Laïque confédérale*, n° 54, Ligue française de l'enseignement, Paris, 1938.

LAFERTE, Gilles. *Folklore savant et folklore commercial: reconstruire la qualité des vins de Bourgogne. Une sociologie économique de l'image régionale dans l'entre-deux-guerres*, Tese (Doutorado). Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 2002.

La Renaissance provinciale, n°1, juin 1906.